

Entrevista a Richard Grusin

DIANA GONÇALVES *

Richard Grusin é diretor do Center for 21st Century Studies, na Universidade de Wisconsin-Milwaukee, onde leciona Estudos de Cinema e Media, Nova Teoria dos Media e Estudos sobre a Modernidade. É coautor de Remediation: Understanding New Media. É também autor do recém-publicado livro Remediation: Affect and Mediality in America after 9/11. A entrevista aqui transcrita decorreu em Lisboa, durante a conferência internacional sobre o tema «The Arts of Mediation», organizada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em março de 2010.

Vivemos num mundo altamente mediado, onde quase tudo o que vemos e sabemos nos chega através de algum tipo de mediação. Sabemos o que se passa no mundo pelos *media* e comunicamos com os outros sobretudo por meio de aparelhos tecnológicos. Considera que atingimos um ponto sem retorno, onde apenas existimos para a sociedade se usarmos algum tipo de mediação? Só existimos se tivermos um telemóvel, um *e-mail* ou um perfil no Facebook?

* Professora auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Penso que essa questão da sociedade deverá provavelmente ser analisada por partes. Neste momento, apenas existimos, por exemplo, para o Estado se estivermos registados: nos Estados Unidos, temos um bilhete de identidade e um número de Segurança Social e estou certo de que acontece algo semelhante em Portugal. Para os bancos, só existimos se tivermos um número de conta bancária, uma palavra-passe, um código ou uma ficha de assinaturas em arquivo. Neste sentido, há de facto um ponto sem retorno. No entanto, isso já vem de longa data. Não foram apenas os *media* digitais a dar-nos acesso a um mundo que conhecemos através dos *media* ou que nos conhece através de mediação. Isso acontece há centenas de anos. Se pensarmos em Foucault e nas tecnologias de disciplina, há muito que os estados reconhecem ou identificam indivíduos através de formas de mediação (numérica ou técnica). Se houver então um ponto sem retorno, já o passámos há muito tempo.

Penso que se me faz esta pergunta agora é, tal como menciona, pelo facto de ter havido uma aceleração e uma proliferação incríveis das formas e das práticas dos *media*. Estas formas de mediação intensificaram-se de tal forma que nos tornámos mais conscientes delas e da sua omnipresença. Por isso é que há atualmente um sentimento de que apenas existimos se tivermos algum tipo de ligação a uma rede. Porém, essa ligação não tem necessariamente de ser digital: estamos ligados a uma rede quando temos um bilhete de identidade, um cartão de registo, uma certidão de nascimento ou, mesmo, um nome. Portanto, as redes não são recentes, mas proliferaram ao ponto de, neste momento, estarem em todo o lado e serem extremamente visíveis. São tantas e possibilitam tanta mobilidade e atividade, que temos agora uma perspectiva muito diferente.

No livro *Remediation: Understanding New Media*, optou por, juntamente com Jay Bolter, centrar-se em processos de remediação, tal como o título sugere. Todo o livro é construído sobre a dupla lógica da remediação. O que considera ser mais importante neste momento: o desejo da «imediacia» e da transparência ou o fascínio pela presença do meio, isto é, pela hipermediação?

Boa pergunta. Menciono o assunto no livro *Premediation*. No início do livro, falo da relação entre premediação e remediação e de como a dupla lógica da remediação se manifesta agora de maneira muito particular. Em vez de imaginar que uma é mais importante do que a outra, penso que esta dupla lógica assume, no atual momento histórico, uma forma diferente da dos anos de 1990.

Passo a explicar. Na década de 90, a noção de «imediácia» envolvia a ideia de rasura da mediação e baseava-se no fascínio pela realidade virtual. Naquela altura, as pessoas eram fascinadas pela ideia de conseguir criar tecnologias de realidade virtual, usando capacetes, óculos, auscultadores, etc. Viam a realidade, mas não esta: a tecnologia seguia os movimentos das pessoas; se estas mexessem a cabeça, a realidade apreendida seguia os seus movimentos e ajustava-se a eles, à semelhança do que os jogos de vídeo fazem hoje em relação ao movimento do nosso *avatar*. As pessoas estavam convencidas de que um dia nos livraríamos desses capacetes e operaríamos dentro desses espaços virtuais. Esta seria uma realidade completamente nova, sendo o ciberespaço uma das primeiras versões dessa ideia. A hipermediácia era representada pelo facto de, nos anos 90, as pessoas se terem tornado mais conscientes destas formas de mediação; ficaram fascinadas com a ideia de podermos ter um ecrã, que, em vez de ser uma janela transparente, estaria dividido em múltiplos espaços. Hipermediácia seria, então, a fragmentação do espaço do ecrã e a consciência da mediação.

A forma que a «imediácia» assume hoje é a de uma espécie de rede contínua. «Imediácia» deixou de ser a rasura da mediação no sentido de experiência da realidade livre de mediação, para se tornar a experiência de uma ligação ou de uma rede permanente. Hipermediácia assume atualmente uma forma não muito diferente da que apresentava na década de 90; porém, o conceito centra-se mais na multiplicação dos *media* do que no espaço visual do ecrã ou no plano de imagem fraturado. Enquanto estamos aqui sentados, temos um gravador digital, há um computador ali e eu tenho um telemóvel no bolso. A hipermediácia representa sobretudo a proliferação de artefactos ligados aos *media*.

De certo modo, mais do que na ideia de um espaço fragmentado, veiculada nos anos 90, penso agora num espaço em que a mediação aparentemente invisível caiu em desuso (embora não na totalidade, tendo em conta o filme *Avatar*, que saiu recentemente e se baseia nisso mesmo). A tecnologia, sobretudo com os efeitos em 3D, permite imaginar esse mito de imersão. Muitos referem-se ao filme *Avatar* como o futuro do cinema, mas creio que aquele é, na verdade, o último filme do século xx e não o início de uma nova forma de cinema do século XXI. Na minha opinião, a imersão em 3D é uma velha fantasia do século passado, em particular da década de 90. Não diria, pois, que uma é mais importante do que a outra. Mas acredito que, pelo menos na última década, nos desinteressámos da fantasia imersiva que *Avatar* representa.

E em relação ao futuro?

Outra boa pergunta. Estou a trabalhar sobre o futuro em termos de premediação. O que mais me interessa é a premediação de múltiplos futuros, alguns contraditórios. Não sou futurista nem profeta, não adivinho o que vai acontecer. Também não creio que premediação seja divinação. Premediação está relacionada com a multiplicação de possibilidades no futuro, de modo que, não importa o que venha a acontecer, tenhamos a sensação de que esse futuro já foi mapeado ou premediado. Isto significa que há centenas, milhares, milhões até, de possíveis caminhos premediados que nunca seguiremos. Neste sentido, não sou futurista.

Tudo o que direi sobre o futuro, e sobre como estas lógicas dos *media* poderão funcionar, é que acredito ainda que a dupla lógica da remediação continuará válida. No entanto, penso que a noção que vigorava nos anos 90, tal como a descrevi, assumirá contornos diferentes nas décadas futuras. Mas deverá permanecer o interesse contraditório na rasura e na evidência da mediação. Por um lado, tal como argumentávamos em *Remediation*, esta era uma nova lógica emergente. Por outro, a emergência dessa lógica dizia-nos que já existia remediação há séculos ou há milhares de anos. Tanto Jay como eu nos sentimos honrados por as pessoas pegarem no livro *Remediation* e o utilizarem em projetos históricos sobre obras dos séculos XV ou XVIII, por exemplo.

Partindo desta última ideia, desde que cunhou o conceito «remediação», muito tem sido dito e escrito. De facto, a palavra tem sido usada de muitas formas diferentes, alargando até a definição original. Como encara estas mudanças que afetam o significado inicial de «remediação»? Até onde poderá este conceito ser levado?

Na altura em que o livro foi publicado, admito que por vezes tenha tido vontade de dizer «não é bem isso». Aliás, penso que haverá uma maior tentação de incompreensão com *Premediation* do que com *Remediation*. Todavia, também penso que, a partir do momento em que se escreve e se divulga alguma coisa, as pessoas podem fazer o que quiserem. Não devemos policiar o uso do conceito e dizer «não, não é nada disso».

Tomemos como exemplo a «desconstrução», um conceito filosófico bastante complicado que Jacques Derrida inventou no final dos anos 60, início dos 70. Desconstrução dizia respeito a um processo algo rigoroso de tentativa de pegar numa ideia ou num conceito e escavar as condições ou possibilidades lógicas que os tornavam pensáveis. Para Derrida, esta ideia não significava apenas o que significa hoje, ou seja, crítica.

Lemos nos jornais «desconstruíram o seu discurso» ou «desconstruíram aquele argumento»; o que realmente querem dizer é que fizeram uma crítica. Desconstrução não é um conceito meu. Mas, enquanto desconstrucionista ativo nas décadas de 70 e 80, lembro-me de que ficava aborrecido quando se usava a palavra «desconstrução» apenas com o sentido de crítica. É o que vai acontecer agora: as pessoas vão usar o conceito de remediação de maneiras diferentes.

Tal como disse, o conceito de «premediação» é mais suscetível de ser mal usado, uma vez que as pessoas tendem a equipará-lo a «divinação» ou «profecia». Tudo o que esteja relacionado com o futuro poder-se-á tornar, aos olhos delas, premediação. Se isso acontecer, não há nenhum problema. Contudo, quando falar sobre premediação, quero ser cuidadoso com a maneira como o faço; quero esclarecer que não significa simplesmente adivinhar ou profetizar, mas criar uma espécie de campo de possibilidades, de futuros possíveis através da mediação e da remediação.

Se estivesse agora a escrever o livro *Remediation* e a construir o significado de «remediação», faria tudo igual? A definição deste conceito ainda seria a mesma?

Sim, na medida em que, se o escrevêssemos hoje, descreveríamos a dupla lógica nos termos em que referi. Penso, no entanto, que não o faríamos: essa dupla lógica de ligação contínua enquanto imediácia, e essa proliferação de aparelhos de *media* enquanto hipermediácia, embora ainda exista, é menos aparente e menos contraditória do que nos anos 90. Foi a contradição entre essas duas lógicas que nos levou a escrever o livro.

A contradição emergiu – e falámos um pouco disto no prefácio de *Remediation* – porque Jay Bolter estava interessado numa lógica e eu noutra. Jay tinha começado um projeto sobre imediácia visual e interessava-se por tecnologias visuais que pressupunham uma representação do real sem interferência simbólica ou sem mediação, dando a entender que o real estava mesmo ali. Já eu, na década de 1990, interessava-me pelos novos *media* por causa da hipermediácia. Estava fascinado com a multiplicidade da mediação e com a fragmentação dos ecrãs, com a janela e com o interface, que pareciam ser novíssimos em termos visuais, embora tivessem precedentes históricos. Discutimos muito ao longo de um semestre, num seminário de formação avançada, e só depois percebemos que estávamos a falar de uma contradição muito visível. Foi-nos possível ver essa contradição por estarmos a olhar para ela sob perspetivas diferentes.

Hoje em dia, a dupla lógica não é tão contraditória. Por isso, seria difícil escrevermos o livro da mesma maneira. Agora, parece evidente que todos os *media* remedeiam outros *media*. Parece tão evidente que isso já não é nenhuma novidade. McLuhan dizia nos anos 60 que o conteúdo de um meio é outro meio. Já o sabíamos desde essa altura. Todavia, ninguém disse que se tratava de remediação – foram precisos trinta anos ou mais para que a evolução dos *media* digitais tornasse aparente o facto de este ser um novo tipo de lógica.

Nos últimos anos virou-se para o conceito de «premediação». Qual a razão desta mudança?

Esta mudança – e falo disto também no prefácio do novo livro – coincidiu de certo modo com uma mudança na minha vida pessoal. Em 2001, mudei-me com a minha família da Geórgia para Detroit. Chegámos a Detroit em julho e depois aconteceu o 11 de Setembro. De certo modo, houve um verdadeiro sentimento de rutura, uma vez que me mudei para uma cidade diferente, para um emprego diferente e depois aconteceu a catástrofe. Foi este o grande impulsionador. Não vivia em Manhattan, onde as pessoas sentiram verdadeiramente essa catástrofe, essa rutura ou surpresa radicais; mas penso que ter mudado de residência acabou por acentuar esse sentimento em mim e que essa foi uma das razões que me levaram a começar este trabalho. Talvez estivesse consciente desse facto, o que me levou a desenvolvê-lo em algumas palestras. Portanto, já estou a trabalhar nisto há algum tempo.

O conceito original surgiu em 2003, quando dei umas palestras na Holanda. As pessoas reconheceram na «premediação» algo que tinham vivido, em especial, o sentimento de inevitabilidade perante a guerra no Iraque. Quando me deslocuei à Holanda, em março de 2003, muitas dessas pessoas com quem me encontrei ou com as quais falei tinham acabado de participar no protesto global que decorrera a 15 de fevereiro, organizado através de redes sociais nos *media*. Foi um dos maiores, se não o maior protesto global de sempre. Contudo, todos os que nele participaram sentiram que não tinha surtido nenhum efeito e que, não obstante a quantidade de pessoas a marcharem e a protestarem em inúmeras cidades, a guerra ia mesmo acontecer. Eu não tinha a certeza de estar a falar apenas da minha experiência ou de ter realmente identificado algo que as outras pessoas também estavam a sentir. Foi então que me disseram: «Sim, também sentimos isso, percebemos essa lógica.» Isso incentivou-me a pensar mais sobre o assunto.

Os conceitos relacionados de «afeto» e de «medialidade» emergiram, em parte, devido ao ambiente vivido na Universidade de Wayne State. Alguns dos meus amigos mais próximos estão a trabalhar sobre questões de afetividade, algo em que eu nunca tinha pensado explicitamente antes de me mudar para Wayne State. Tais questões tiveram realmente grande influência no desenvolvimento do conceito que refere na sua pergunta.

Partindo das ideias de premediação e do 11 de Setembro: no artigo «Premediation», começa por falar daquele acontecimento em termos de remediação e de como ele constitui um exemplo claro da dupla lógica de imediácia e hipermediácia. Só a meio desse articulado associa a premediação àquela data, definindo-a como uma tentativa de prevenir a experiência de um novo evento catastrófico ao vivo que não tenha sido já premediado. Por que razões se centra na premediação como prevenção, antecipação ou planeamento do futuro, em vez de procurar processos de mediação no passado que possam ter constituído uma espécie de suporte ou de modelo para a cobertura do 11 de Setembro? Qual a razão deste interesse pelo que o 11 de Setembro premedeia e não pelo que premedeia o 11 de Setembro?

Estou mais interessado na premediação produzida pelo choque do 11 de Setembro do que no que premedeia o 11 de Setembro. A catástrofe, o choque que as pessoas sentiram foi tão grande, que estas responderam começando a premediar possíveis acontecimentos catastróficos, para que o mesmo não voltasse a acontecer.

Esta forma de premediação é, para mim, muito semelhante ao que Walter Benjamin refere quando pensa nos choques ou no trauma da modernidade em termos de cinema. No ensaio sobre a obra de arte e numa série de outras obras, Benjamin argumenta que as novas tecnologias, os novos *media* – como o cinema, embora considere que os jornais e outros *media* funcionam de igual modo – operam como escudo ou proteção contra o choque da nova modernidade urbana que se vive.

Na minha opinião, a catástrofe do 11 de Setembro representa a versão contemporânea do choque da modernidade urbana: os sons, a azáfama, os cheiros, a multidão e tudo o que Benjamin e outros escritores referiam na altura. A premediação foi uma resposta a tudo isto. Quando o 11 de Setembro aconteceu, muitas pessoas afirmaram o que está na base da sua pergunta, ou seja, «já vimos isto antes».

Tal como Baudrillard e Žižek, que compararam o 11 de Setembro a filmes-catástrofe...

Exatamente. Voltando à pergunta de como um conceito pode ser utilizado, penso, por um lado, que seria mais fácil para mim dizer que essas também são premediações. E, de certa maneira, são. Chamar-lhes-ia talvez «premediações cinemáticas». Porém, uma das coisas que mais me chamaram a atenção – e encontrei, tal como digo no meu livro, apoio em Geoff King, um estudioso de cinema e dos *media* que analisa tudo isto – foi a diferença entre a mediação televisual do 11 de Setembro (o enquadramento e os planos, entre outros) e a mediação cinemática de filmes de desastres. São semelhantes em conteúdo, mas muito diferentes nas suas formações de *media* visuais.

Na mediação televisual, a estrutura e os ângulos de filmagem são diferentes; não há o mesmo tipo de cortes e de planos. Toda a montagem é absolutamente diferente. Nesta perspetiva, não premedeiam exatamente o evento num sentido formal ou mediático, embora premedeiem de certo modo o seu conteúdo. É por isso que o mais interessante na premediação da guerra do Iraque não foi as pessoas exclamarem «Vamos entrar em guerra, vamos entrar em guerra!», mas vemos que o noticiário da televisão, sobretudo nos Estados Unidos, tinha o mesmo formato que na primeira guerra do Golfo: o formato da mediação – e isto está relacionado com o que Barbie Zelizer falou na palestra dela.

Tínhamos um pivô sentado à secretária entrevistando um antigo general, mapas no ecrã ou vídeos de lutas e de bombardeamentos. Enquanto espectadores de *media*, respondemos efetivamente da mesma maneira que responderíamos se estivéssemos a ver a CNN a cobrir esta guerra, embora a guerra ainda não tivesse começado. É pelo facto de os formatos dos *media* serem os mesmos que vejo isto como exemplo de premediação. Esta é, aliás, a definição mais rígida de premediação apresentada no livro. Não é só o conteúdo a ser premediado, mas o evento em si a assumir a mesma forma em termos de *media*. É esta a diferença entre premediação e divinação, imaginação e especulação.

A outra diferença óbvia entre as imagens televisivas do 11 de Setembro e os filmes de desastres é que a televisão tem um efeito real que o cinema não consegue transmitir. Vamos a uma sala de cinema e sabemos que estamos a ver um filme de ficção – só por isso podemos sentar-nos a ver filmes de terror ou com atos de violência; se soubéssemos que estavam a acontecer em direto, não suportaríamos ver as imagens, nem mesmo na televisão. Viraríamos a

cara, causar-nos-ia repulsa. Contudo, como sabemos que é ficção, conseguimos assistir. Esse efeito real levou a que o 11 de Setembro se tornasse muito diferente dos filmes carregados de explosões a que assistimos. Não sei se viu o *2012*. Este foi um dos filmes mais engraçados que vi nos últimos tempos. Fui vê-lo com a minha filha e rimos desalmadamente. A cidade de Los Angeles ruía no oceano e a nossa reação foi rir. Porquê? Porque sabíamos que era um filme, sabíamos que era um filme-catástrofe e que nada era real.

E a catástrofe já era esperada...

Exatamente. É, portanto, muito diferente. Por isso, acho que os argumentos do tipo «já vimos isso antes» não estão totalmente corretos. Penso que não têm em conta o efeito real que distingue mediação televisual de mediação cinemática.

Assim sendo, o que dizer de outras catástrofes transmitidas pela televisão, em direto e com interrupção da programação, que apresentaram também elementos com efeito-surpresa? Lembro-me, por exemplo, da explosão do *Challenger*.

Sim, esse é um ótimo exemplo do mesmo tipo de surpresa. Houve, aliás, outros tipos de terremotos transmitidos de forma semelhante; ou mesmo a princesa Diana, morta no acidente de carro naquele túnel – as pessoas sentiram-se atraídas por essa cena. Não assistimos ao que se passou, mas vimos a polícia, os momentos seguintes e os carros destruídos. Houve outras catástrofes, outros casos dignos de notícia que criaram o mesmo tipo de horror, até mesmo em direto, mas nada como o 11 de Setembro.

Falou um pouco sobre o novo livro *Premediation: Affect and Mediality in America after 9/11*. Além do que já mencionou, o que mais podemos esperar deste livro?

Penso que as principais diferenças em relação ao artigo de 2004 são os dois conceitos no título: afeto e medialidade. Na verdade, podemos acrescentar ainda um terceiro, sobre o qual falei ontem na minha palestra: antecipação. Esse é, provavelmente, o mais recente desenvolvimento no meu pensamento.

O conceito de afeto provou ser muito interessante para desenvolver pensamento. Uma das coisas que percebi retrospectivamente foi que Jay Bolter e eu já falávamos de afeto em *Remediation*, mas não usávamos essa linguagem. Este conceito ajuda a explicar uma certa confusão que, por vezes, as pessoas

sentem em relação às duas aceções que usávamos da palavra «imediácia» – uma ambiguidade de que nos apercebemos e da qual falámos quando estávamos a escrever o livro, mas que decidimos deixar de parte. Por um lado, usávamos «imediácia» como contraponto de «hipermediácia», ou seja, como parte da dupla lógica da remediação. Essa forma de imediácia poderia chamar-se «imediácia formal» e ser posfaciada pelo adjetivo «transparente» (imediácia transparente). Isto para explicar como certos tipos de mediação, certos sinais dos *media* foram rasurados para que pudéssemos olhar através de uma janela transparente, como acontece na realidade virtual ou noutros *media* imersivos. Por outro lado, a imediácia de que falávamos poderia ser a «imediácia perceptual». O nosso argumento era que tanto a imediácia transparente como a hipermediácia produziam um sentimento de imediácia perceptual.

Se voltasse a escrever *Remediation*, falaria desse sentimento de imediácia perceptual em termos de afeto. Nós argumentávamos que podemos fazer a experiência do real não só através da rasura da mediação, mas também quando estamos numa discoteca com luzes estroboscópicas, música e muitos efeitos de *media*, por exemplo. Isto é, quando estamos num ambiente totalmente hipermediado (olhares, sons, cheiros) e, ainda assim, sentimos que tudo é real. Isto é imediácia. Essa sensação de imediácia pode ser sentida através da multiplicidade da mediação quando assistimos à atuação de uma banda num clube ou num grande espetáculo. Jay e eu fomos ver o multimilionário, espetacular concerto de palco e vídeo dos Rolling Stones, no Georgia Dome, em Atlanta. Não havia qualquer rasura de mediação, muito pelo contrário; no entanto, tínhamos essa sensação de imediácia. Falávamos portanto de afeto sem que possuíssemos a linguagem ou o enquadramento teórico para o fazer. Também referi isso mesmo no artigo «Premediation» sem usar o termo. Assim que me apercebi disto, comecei a desenvolver o conceito de afeto.

Também o usou e desenvolveu no blogue que criou, mas a par dos conceitos de vulnerabilidade, de segurança e de ansiedade...

Precisamente. Esse conjunto de noções constitui uma parte considerável do modo como tenho pensado sobre os *media*, no que fazem e não no que significam – o que também nos interessava em *Remediation*. Logo, tem sido muito importante. Comecei a pensar nisso em relação às fotografias de Abu Ghraib; o meu argumento, algo contra-intuitivo, era que o verdadeiro choque não estava no que nos mostravam, mas no impacto que tinha em nós, nesta espécie de resposta afetiva.

Por oposição a Susan Sontag, que criticou o conteúdo chocante das fotografias.

Exato, por oposição a Sontag, a Žižek e a outros. Não é que não mostrassem coisas chocantes. Mas há muitas fotografias semelhantes por aí e não fomos apanhados de surpresa em relação ao que se passava. O que chocou foi ver aquelas fotografias no conforto da nossa casa, no nosso computador. Penso que será essa a razão do escândalo, o motivo pelo qual teve tanta atenção. Houve outras coisas igualmente más, mas que não tiveram a mesma atenção. Foi então essa a primeira coisa em que pensei, ou seja, na medialidade das fotografias, na maneira como funcionavam enquanto objetos dos *media* para modular os afetos individuais e coletivos. Foi isso que transformou Abu Ghraib num escândalo, enquanto práticas horrendas similares tiveram menos impacto no público.

Também desenvolvi essa ideia no conceito denominado «vida afetiva dos media», em que comecei a pensar e do qual também falei em pormenor no livro; isto é, na nossa relação afetiva com os artefactos de *media*.

Os cognitivistas contam como a cognição é distribuída por artefactos técnicos – Andy Clark tem um livro muito interessante intitulado *Natural-Born Cyborgs: Minds, Technologies, and the Future of Human Intelligence*, onde refere que a cognição foi sempre distribuída por tecnologias, sejam elas contemporâneas, como o computador ou o gravador (não precisamos de nos lembrar desta conversa, porque a tecnologia faz isso por nós), ou mais antigas, como a escrita ou o desenho. Segundo Clark, até a linguagem é uma tecnologia de distribuição de cognição. Quando li o livro dele, perguntei-me: «E o afeto?» Não teremos também distribuído o nosso afeto por artefactos técnicos? Não temos nós um cobertor ou um animal de peluche de que realmente gostamos, para abraçar?

O afeto não está apenas em nós; está na relação que estabelecemos com os nossos artefactos de *media*, como o carro, numa espécie de círculo vicioso. Sentimos afeto pelas nossas roupas, pelas nossas joias, etc. Imbuímos os nossos objetos de afeto. Achei então que era importante perceber que a nossa relação com os artefactos de *media* não era apenas instrumental, em termos de uso, mas também afetiva: cria-se uma espécie de laço físico e emocional. Voltamos sistematicamente aos nossos objetos pela mesma razão que voltamos sempre aos nossos amigos e às pessoas de quem gostamos: fazem-nos felizes, fazem-nos sentir seguros, e satisfazem as nossas necessidades emocionais e afetivas.

Por outro lado, este afeto pelos novos *media* também pode ser distorcido e tornar-se uma espécie de vício. Podemos ver o vício ou uma certa dependência emocional como o lado negativo da nossa relação afetiva com os artefactos tecnológicos?

Penso que as noções quer de afetividade com os *media*, quer de vida afetiva dos *media* são uma forma de explicar aquilo a que algumas pessoas chamam «vício». O termo «vício» é usado de um modo muito desregrado, atualmente. Nos últimos meses, temos assistido nos *media* ao desenrolar da história de Tiger Woods, sobre vício em sexo; muitas pessoas acabaram por se perguntar como pode isso ser um vício. Os argumentos a favor dizem que os viciados em sexo podem sentir carência, desorientação e um sentimento de perda de controlo semelhante ao que se sente quando se deixa uma droga. Além do mais, essas pessoas também correm riscos para satisfazer o vício, apresentando os mesmos comportamentos perigosos que um viciado em droga.

No que diz respeito aos nossos *media*, penso que podemos até sentir essa carência, mas a um nível muito baixo, quando não temos rede ou não conseguimos aceder à Internet para ler o *e-mail* ou entrar nas redes sociais. Creio que sentimos realmente um pouco de frustração. Não creio, no entanto, que as pessoas mostrem grandes sintomas de carência, pelo menos por enquanto.

Tratar-se-ia, provavelmente, mais de ansiedade e de *stress* do que de um vício...

Sim, um pouco de *stress* e de ansiedade devido ao corte com esta afetividade. O mesmo acontece quando a pessoa amada está longe e queremos tocá-la e ouvi-la, porque isso nos faz sentir bem, seguros e felizes. A distância deixa-nos ansiosos. Para mim, a ansiedade acontece mais a esse nível do que ao nível do vício. Porém, haverá escritores de ficção científica e jornalistas histéricos ou hiperbólicos que imaginam viciados em jogos de vídeo e pessoas que não conseguem viver sem jogar na Internet. Este comportamento é certamente parecido. Vejo o meu filho: a primeira coisa que faz quando chega a casa da escola é jogar na Net. Contudo, penso que as pessoas sempre chegaram a casa e ligaram a TV, fizeram uma chávena de café, pegaram num livro, num jornal ou numa revista. Neste sentido, creio que a linha entre o hábito e o vício é muito difusa.

Voltando um pouco atrás, ao blogue «Premediation: in which I attempt to think through the concept of premediation on the fly». A título de curiosidade, porque escolheu este subtítulo? Está relacionado com o

facto de não querer ser exaustivo, de querer apresentar uma abordagem mais leve?

O que está no blogue é representativo da minha pesquisa sobre premediação em termos académicos, embora tenha usado algumas entradas do blogue como base para a conclusão do meu livro – uma espécie de conclusão mais leve e popular. Escrevemos um livro, mas há sempre alguma coisa a acontecer. Decidi manter o blogue para que, ao lê-lo, as pessoas possam seguir o que penso.

Para terminar, já decidiu o que vai fazer a seguir? Na palestra, mencionou o novo conceito de «mediacionismo» (*mediationism*), que ainda está a delinear e a definir. Pretende trabalhar nele? Há mais algum projeto futuro que queira referir?

Ainda não sei o que vou fazer. Senti-me encorajado por ter falado um pouco sobre mediacionismo. Aliás, conversei com pessoas que me incentivaram a desenvolver alguma coisa nesse domínio: talvez um artigo ou algo do género. Poderei vir a entregar uma versão inicial para o livro que resultará desta conferência. Acabaram-se os prefixos. Não haverá qualquer pós-mediação. No entanto, talvez refira a mediação e explique o que realmente quero dizer com este conceito, que está no cerne tanto de *Remediation* como de *Premediation*. Está no cerne de muito do meu trabalho, mesmo noutras áreas. Creio que irei lançar-me nisso. Tenho também conversado com dois colegas, um da Holanda e outro da Califórnia, sobre a possibilidade de fazer alguma coisa sobre ciber-guerra e cibersegurança. Só agora começámos a pensar no assunto, mas este é outro projeto que poderei vir a desenvolver. Além disto, é difícil saber o que irei fazer. De certa maneira, os meus maiores projetos simplesmente aconteceram: *Remediation* surgiu quando estava no Georgia Tech e comecei a ensinar um curso a que Jay pediu para assistir. Percebemos depois que tínhamos um livro muito interessante. *Premediation* aconteceu devido ao 11 de Setembro e à minha mudança para Detroit. Agora que assumo as funções de diretor do Center for 21st Century Studies, espero que o meu próximo projeto surja a partir do que ali se desenvolve. Pode ser, portanto, que o próximo livro surja de forma semelhante aos anteriores. Gosto de trabalhar assim: parece mais real do que se dissesse «agora, vou fazer isto».